

# TEMATIZANDO O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades...<sup>1</sup>

ANGÉLICA CAETANO DA SILVA

## INTRODUÇÃO

Historicamente, a Educação Física foi reconhecida na Escola como um espaço destinado à realização de atividades físicas. Os fundamentos que nortearam a Educação Física no século passado baseavam-se prioritariamente no pensamento médico higienista, estruturando-se principalmente nos conhecimentos biológicos. Mesmo no período histórico em que os esportes tornaram-se exclusivamente sinônimo de aula de Educação Física, a saúde continuou caminhando lado a lado da premissa esportiva.

Fraga (2006) aponta que recentemente nos é apresentado um discurso do estilo de vida ativa, “orientado por princípios fundadores que parecem estar sempre retornando à cena como protagonistas de uma história sem fim, pois estão sempre se renovando” (p. 21). Tal discurso se apresenta agora, de acordo com o autor, diferente dos outros movimentos a favor da atividade física, como a ginástica higienista, método Cooper, esporte para todos. Recentemente tem se apresentado como uma potência, com a sustentação de um dever do corpo saudável, ou como um movimento de coerção baseado na introjeção da culpa e do medo.

Ainda, esse discurso, apoiado agora pelas velhas e novas tecnologias, aciona um novo sentido de corpo perfeito e saúde, relacionados à modelagem do corpo padrão reconhecido na sociedade e também à capacidade de cuidar de si próprio, por si mesmo. Entretanto, este artigo não pretende discursar sobre os modos de conduzir a vida atualmente, a partir das tecnologias de poder que também regulam as formas de manifestação do viver denominado por Fraga (2006) de biopolítica informacional, ou analisar as mensagens do discurso da vida ativa,

---

1 Esse texto é um recorte de dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física - UFSC (CAETANO DA SILVA, 2011), realizado sob orientação do professor Giovanni De Lorenzi Pires.



como assim fez o autor, mas principalmente adentrar um espaço pouco arriscado a partir da tematização do discurso sobre saúde na mídia: a Escola.

Assim, dentro do discurso do estilo de vida ativa, persuadir para a prática de atividade física ou algum movimento sistematizado como o esporte tem sido a estratégia ou argumento dentro de uma visão do campo da Educação Física que opera com naturalidade a relação causal/produto: atividade física gera saúde. A essa correlação positiva de causa e efeito, diversas vozes no campo da Educação Física brasileira têm se levantado, contrariando-a e apresentando novas abordagens para lidar com este empreendimento tão massivamente divulgado. São nomes como Alex Branco Fraga, Ana Márcia Silva, Edgar Matiello Júnior, Yara de Carvalho, entre outros, que buscam desestabilizar as verdades instituídas pelo paradigma biomédico, trazendo novas interpretações sobre o fenômeno da saúde. Porém, poucos são os estudos que alcançam a Escola ou que a vislumbram como *locus* para os estudos, com possibilidades de novas e/ou diferentes reflexões.

A iniciativa dessa pesquisa teve como finalidade refletir e tematizar o discurso sobre saúde na mídia com alunos do Ensino Médio, no âmbito da Educação Física escolar, apoiando-se no conceito de mídia-educação (FANTIN, 2006), que será melhor detalhado adiante.

## O CAMINHO PERCORRIDO

A partir da abordagem qualitativa, a pesquisa aproximou-se de aspectos práticos da concepção e da organização de uma pesquisa social orientada de acordo com os princípios da pesquisa-ação, ou também denominada investigação-ação. Como afirma Mendes (2010) que pesquisou as diferentes correntes que conceituam pesquisa-ação e optou em seu trabalho buscar identificar os principais elementos que permeiam as diferentes tradições desta, a pesquisa-ação trata-se de um tipo de pesquisa que “não se baseia em uma ‘metodologia’ fixa, mas na flexibilidade em relação aos contextos da vida cotidiana e situações relevantes que surgem no processo” (p. 175).

O estudo foi realizado com alunos (22 jovens), pertencentes a uma turma do Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Campus São José. A escolha da escola/campo ocorreu devido ao conhecimento de que os professores da Instituição haviam organizado e desenvolvido um planejamento para o Ensino Médio da escola, estipulando para cada fase um conteúdo teórico – que serve como tema gerador – e aulas ligadas a esportes tradicionais, atividades recreativas e jogos populares, além de eventuais atividades ligadas à cultura de movimento que não se resumem às tradicionais em nossa área.

O planejamento da Educação Física da escola/campo demonstrou que a mídia se apresenta como um dos conteúdos programáticos para o Ensino Médio na 4ª fase, correspondente ao segundo semestre do segundo ano, sendo que na 1ª fase o tema gerador é saúde/qualidade de vida. Esse fato foi determinante para a escolha de tal turma, além da minha experiência com alunos do Ensino Médio como professora de Educação Física no Estado do Rio de Janeiro, durante o ano de 2008.

A proposta de trabalho foi organizada e (re)formulada cotidianamente, em conjunto com o professor responsável pela turma e respeitando as oscilações das diferentes demandas que uma pesquisa-ação pode apresentar. Para esta proposta, denominamos de mediação escolar. A mediação é fundamental nos processos de (re) significação e novas reflexões, que, em outras palavras, confere àqueles que estão envolvidos na prática da crítica, a possibilidade de atribuir outros significados ao discurso ou narrativa em estudo e se apropriar da mesma, transformando-a. O período de mediação escolar compreendeu os meses de março a julho de 2010 e pode ser resumido no quadro abaixo, sendo depois brevemente detalhado.

<i>Etapas</i>	<i>Período de realização</i>	<i>Temática central de cada intervenção</i>
<b>Aproximação e levantamento de temáticas significativas da intervenção</b>	03 a 23/03/2010	Aproximação com a turma, aplicação do questionário, do termo de consentimento livre e uso do vídeo-sensibilização para levantamento dos dados referentes à temática de estudo.
<b>Estratégia 1</b>	30/03 a 06/04/2010	Discussão do texto sobre Indústria Cultural e debate a respeito do tema, envolvendo o objeto de estudo: saúde e mídia.
<b>Estratégia 2</b>	15/04 a 11/05/2010	Material midiático trazido pelos alunos sobre a temática da saúde como apoio para as reflexões sobre Indústria Cultural.
<b>Estratégia 3</b>	18/05/2010	Apresentação e discussão da concepção de saúde salutogênica e experimentação de práticas corporais.
<b>Estratégia 4</b>	20/05 a 22/06/2010	Interdisciplinaridade com Sociologia envolvendo discussões sobre mídia.
<b>Estratégia 5</b>	01/06 a 10/06/2010	Apresentação e discussão do produto midiático vídeo-minuto sobre saúde, realizado pelos alunos.
<b>Estratégia 6</b>	22/06/2010	Discussão envolvendo a temática Copa do Mundo, Esporte e saúde.
<b>Estratégia 7</b>	01/07 a 08/07/2010	Apresentação e discussão da produção midiática final, envolvendo jornal, vídeos e blog.



A primeira intervenção refere-se à entrada no campo e minhas primeiras aproximações com a turma. Nesta, a intenção principal foi realizar um levantamento de informações correspondendo aos significados atribuídos pelos alunos à tríade saúde, atividade física e mídia. Para a concretização, recorri ao uso de um vídeo-sensibilização, construído no LaboMídia/UFSC, com a intenção de provocar um debate entre os alunos, além da tempestade de idéias, que se refere a uma técnica de trabalho em grupo, na qual todos contribuem livremente com palavras, ideias e opiniões, movimentando um debate. Além de palavras escritas na lousa após a visualização do vídeo-sensibilização, solicitei aos alunos escreverem suas opiniões ou mesmo frases em uma folha de papel a respeito do vídeo e do debate suscitado. Durante esse período de aproximação e levantamento das temáticas significativas para o estudo, também foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas, objetivando conhecer quais meios de comunicação os alunos mais tinham acesso, quais programas os alunos assistiam com mais frequência, quais programas os mesmos assistiam sobre saúde (se assistiam), e o grau de interesse deles com informações veiculadas nos meios sobre saúde e atividade física.

Com a primeira estratégia de mediação escolar, minha intenção foi promover uma discussão e suscitar reflexões com os alunos a respeito da mercadorização da cultura (incluindo os conteúdos da Educação Física) e a relação dos meios de comunicação enquanto veiculadores primordiais deste processo. A estratégia foi viabilizada a partir da construção de um texto didático sobre Indústria Cultural com a colaboração do professor de Educação Física responsável pela turma.

Para a segunda estratégia ser realizada, solicitei aos alunos que trouxessem alguma reportagem midiática que apresentasse relação com o tema saúde, atividade física e Educação Física. Propus aos alunos se organizarem em grupos e que explanassem em forma de seminários a matéria (podendo ser proveniente de qualquer mídia), trazendo conexões com o texto didático sobre Indústria Cultural discutido em momentos anteriores. Os objetivos desta estratégia foram suscitar reflexões a partir do texto discutido no encontro anterior sobre Indústria Cultural, atreladas à temática da pesquisa e promover interação entre os alunos à busca de novas compreensões a respeito do discurso médico-científico sobre saúde e atividade física presente nos meios de comunicação de massa.

Na terceira estratégia, planejei uma aula de forma colaborativa com o professor responsável pela turma, em que os alunos tivessem a oportunidade de

experimental práticas corporais, que não as esportivas que aparentavam estar adaptados. Utilizei bolas de Pilates, as quais a Escola possuía em grande quantidade. O objetivo foi suscitar novas reflexões sobre o conceito de saúde usualmente veiculado pelos meios de comunicação de massa e experimentar diferentes formas de práticas corporais, além de trazer uma aproximação aos alunos sobre uma concepção de saúde denominada salutogênica.

Com relação à quarta estratégia, que foi sendo construída a cada encontro e obteve o apoio do professor responsável pela disciplina de Sociologia na Escola, a finalidade desta foi promover a interdisciplinaridade entre as disciplinas, orientada ao tema transversal mídia e cultura. Este trabalho promovido e proposto entre a Educação Física e Sociologia permitiu um diálogo mais tranquilo e menos individualista entre os conhecimentos, estabelecendo um campo interdisciplinar de pesquisa, sem desrespeitar cada objeto de estudo. Nesta estratégia, os encontros tiveram a colaboração do professor de Sociologia, que praticamente cedeu seus espaços de aula para a realização da pesquisa. Inicialmente, realizei um texto didático, denominado Cidadania e Mídia, adaptado do livro dos autores Pedrinho Guareshi e Osvaldo Biz (2005) e debatemos. Ao final do texto, algumas questões foram postas para os alunos, trazendo as reflexões do texto para a temática da pesquisa. Durante as aulas de Educação Física, que aconteciam semanalmente, fomos discutindo tais questões. Além desta ação, o professor de Sociologia também solicitou aos alunos, para se organizarem em grupo e apresentarem seminários demonstrando exemplos de situações em que os meios de comunicação de massa apresentam contribuições para a construção de nossas subjetividades. Essa tarefa rendeu quatro encontros e após cada seminário, o espaço era aberto para questionamentos e debates.

Como quinta estratégia, solicitamos à turma que organizassem em grupos e realizassem um vídeo com duração máxima de um minuto. Este vídeo deveria ser composto por fotos tiradas por eles mesmos em que demonstrassem seus entendimentos e suas reflexões sobre saúde e atividade física. Após alguns dias destinados para essa tarefa, cada grupo, no momento da apresentação do vídeo, deveria explicar os motivos das escolhas das fotos. A finalidade desta estratégia foi promover uma aproximação dos alunos à dimensão produtiva da mídia-educação e observar quais olhares sobre o discurso a respeito de saúde e atividade física na mídia os alunos apresentam.



A sexta estratégia foi organizada em função de um inegável momento vivido: a Copa do Mundo de 2010. Teve como finalidade refletir com os alunos sobre a Copa do Mundo da África do Sul/2010, esporte e saúde. Nesta etapa, organizei uma aula, de forma colaborativa com o professor de Educação Física, trazendo momentos em que os alunos experimentaríamos um treinamento rigoroso, buscando o desempenho máximo e momentos em que eles estariam experimentando o esporte, sem as pressões e demandas que o esporte de rendimento requer. Após esta aula, tematizamos com os alunos a relação saúde – dor – esporte.

Por fim, a última estratégia de intervenção teve como finalidade estimular a autonomia e criatividade dos alunos a partir da dimensão produtiva da mídia-educação, relacionando o tema da pesquisa e observar se os alunos apresentam novos significados ao discurso sobre saúde e atividade física. Assim, tal estratégia se concretizou a partir da divisão da turma em grupos. A cada grupo, foi possibilitada a escolha sobre qual mídia iriam utilizar para o fio condutor de seus discursos e entendimentos, respeitando a temática já previamente estudada e combinada com os alunos: saúde e atividade física. Os alunos tiveram aproximadamente um mês para a elaboração da produção midiática, enquanto os encontros e a mediação escolar iam sendo realizados. Foram organizados quatro grupos, sendo que um realizou um jornalzinho, outro um blog e dois grupos realizaram um vídeo cada. Cada grupo explanou sua produção midiática e após cada explanação, questionamentos e debates ocorreram.

Para concretizarmos a tarefa de registro e coleta de dados, utilizamos o diário de campo, filmagens de algumas intervenções da pesquisadora e do professor, textos, produções midiáticas que foram utilizadas como tarefas para os alunos e ao final da pesquisa, entrevistas em grupos, gravadas em áudio.

## **ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE REFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

Após resumidamente comentar sobre as estratégias que compuseram a mediação escolar, e antes de demonstrar a discussão realizada na dissertação, irei expor alguns elementos teórico-metodológicos que me guiaram durante esse quase um semestre na Escola e minhas opções referentes à análise dos dados.

Ao reconhecer que a Escola é local de encontros de muitos sistemas simbólicos, ou seja, de “muitas culturas”, seja aquela de bagagem pessoal ou de identidade de diferentes alunos, alunas e professores, seja a cultura erudita que ali é ensinada, ou ainda, a cultura popular regional do local onde a escola está situada, esta se torna mais complexa ainda quando acrescentamos a todas estas dimensões o entrelaçamento da cultura midiática que temos hoje.

Para este percurso ser concretizado, para minhas próprias reflexões e para orientação de meu planejamento de campo, que outrora já comentei, se (re)constituía semanalmente, me apoiei no conceito de Mídia-Educação organizados por Belloni (2005) e por Fantin (2006), que apresenta três perspectivas ou dimensões referindo-se ao conceito de Mídia-educação: a instrumental, a crítica e a produtiva. Sobre a dimensão instrumental, refere-se à educação com os meios no âmbito da metodologia didática. A Mídia-educação, nessa perspectiva, é considerada um recurso para a educação reinventar a didática, ensinando com outros meios, visando a superar o esquema tradicional e substituir o suporte do livro-texto através do uso das mídias. O contexto crítico refere-se ao enfoque da mídia-educação no sentido de fazer educação sobre os meios ou educação para a mídia; significa a possibilidade de compreender e refletir criticamente os sentidos das mensagens destinadas a influenciar no modo de agir e pensar. Por fim, o contexto produtivo refere-se ao fazer educação através dos meios ou dentro da mídia; significa utilizar as mídias como linguagens, como forma de expressão ou produção. Porém, essa produção, assim como nos afirma Preto (2001) corresponde a uma dimensão crítico-criativa, ou seja, o uso da mídia com fundamento.

Utilizei também como suporte das minhas intervenções as reflexões provenientes da Teoria das Mediações. Esta apresenta enfoque no uso social dos meios e na audiência e tem os autores Guillermo Orozco e Jesús Martín-Barbero como proeminentes. Desta perspectiva, emerge o papel que as mediações operam no âmbito do receptor e que Orozco, baseado em Martín-Barbero, desenvolveu como um modelo das múltiplas mediações, sendo elas: a individual, a situacional, a institucional e a tecnológica. Dentre estas, destaca-se a mediação institucional, em vista dos valores e crenças implícitas às ideologias ou doutrinas das instituições sociais das quais o indivíduo faz parte, e que desempenham um papel importante na recepção. São exemplos dessa categoria um partido político, uma religião, a Escola, entre outros. Essas instituições podem se entrelaçar



e gerar ressignificações distintas dos sujeitos sobre discursos da mídia; no caso dessa pesquisa, sobre saúde e atividade física.

\*\*\*\*

Para a análise dos registros de campo da pesquisa, recorri a elementos conceituais e metodológicos fornecidos pela teoria social do discurso, de forma mais específica, a Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Norman Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social*. Este modelo se atém ao estudo das relações entre linguagem, poder e ideologia.

Um dos elementos considerados na ACD, organizada por Fairclough (2008) é seu entendimento ampliado do significado de discurso. O autor transcende a visão de muitos estudos linguísticos (sociolinguísticos), em que a grande maioria apresenta uma ênfase unilateral sobre como a língua varia segundo fatores sociais (os fatores sociais moldam a língua). Para o autor, essa visão é limitante, pois exclui a possibilidade do uso da linguagem realmente contribuir para a constituição, reprodução e mudança social. Isso possui várias implicações, pois ao usar o termo discurso, com um significado abrangente, Fairclough (2008) propõe o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais, implicando ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Nas palavras do autor: “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91).

De uma forma genérica, o autor aponta que podemos pensar o discurso como uma prática discursiva que é ao mesmo tempo constitutiva e criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como ela é, mas também contribui para transformá-la. A prática discursiva, como comenta o autor, manifesta-se em forma linguística, como textos, linguagem falada ou escrita.

Fairclough aponta na sua análise, sua concepção tridimensional do discurso, abrangendo três elementos: texto, prática discursiva e prática social. Além, tal concepção envolve os seguintes elementos: as estruturas sociais, relações de poder e a



natureza da prática social em que os membros da sociedade estão envolvidos, que de forma inconsciente, moldam as práticas discursivas desses mesmos membros – assim suas práticas discursivas podem ser investidas política e ideologicamente – e, de forma dialética, suas práticas discursivas (dos membros) tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais.

O autor também apresenta duas categorias: intertextualidade e a interdiscursividade. Pedrosa (2008) comenta que elas representam as relações de um texto ou um discurso, considerando outros que lhe são recorrentes. Assim, podemos perceber que nosso discurso é constituído com palavras de outros em variáveis graus de alteridade e em variáveis graus do que é nosso (PEDROSA, 2008). Além das categorias, a ACD trabalha com dois conceitos bastante polêmicos: ideologia e hegemonia, pois o discurso é entendido como prática política e ideológica.

Por fim, o foco de Fairclough (também minha intenção de pesquisa) é a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural; uma mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem. Quando surgem problematizações ou mesmo dilemas, as pessoas tentam resolver ao serem inovadoras e criativas, ao adaptarem as convenções existentes de novas maneiras, e assim, contribuírem para a mudança discursiva, e para tal, a mudança social.

## REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE O CAMPO

O conjunto de registros do campo nos levou à construção de quatro eixos temáticos de discussão, que se remeteram a uma análise transversal referente aos dados coletados durante as estratégias. Deste modo, a partir da análise dos dados provenientes do diário de campo, do questionário inicial, do material midiático produzido pelos alunos, dos escritos entregues por eles à pesquisadora e da entrevista final realizada, foi possível a composição de quatro eixos de discussão: 1) **Teoria e prática pedagógica na Educação Física**<sup>2</sup>, que tratou especificamente a respeito das representações sobre teoria e prática na

---

2 Ainda que relevante, a discussão desse eixo, em função das características e escopo do livro, não será realizada aqui. Focarei assim nos demais eixos, que se remetem diretamente à temática central da pesquisa: saúde e atividade física na mídia.



Educação Física a partir dos alunos e na presença de manifestações de gênero socialmente construídas, interagindo com a mediação escolar proposta. Este eixo se subdividiu em dois aspectos: a compreensão da relação teoria-prática na Educação Física pelos alunos, revelando-nos um certo praticismo e as questões relativas ao gênero que atravessam suas práticas discursivas e sociais, seus envolvimento e participação aos encontros da pesquisa.; 2) **Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo**; 3) **A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e a implicações para a Educação Física** e 4) **Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada.**

## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: IMPLICAÇÕES RELACIONADAS À SAÚDE E CORPO

Neste eixo, iniciaremos uma discussão focando as diferenças de gênero encontradas nos alunos, mas direcionando o trato à temática da pesquisa: saúde e mídia. Pode parecer a princípio que, estarei dando especial importância em torno do gênero feminino, porém enfatizo que minha intenção não se submete a isto, apesar de reconhecer as proximidades do tema com as meninas (ou porque sou uma pesquisadora mulher). Trata-se, acima de tudo, de evidências originárias no campo de pesquisa, que me compete relatar e interpretar.

Quando solicitei aos alunos responderem o questionário no início da pesquisa, e questionei se eles tinham interesse pela temática saúde a partir dos meios de comunicação de massa, as meninas demonstraram maior interesse, além de apresentarem mais conhecimentos ligados à saúde e estética, informando-nos programas televisivos que assistiam com mais frequência. Os meninos, quando questionados, a maioria respondeu que o interesse nos meios de comunicação é maior a partir do conteúdo esportivo. As meninas ainda relataram que buscavam informações sobre saúde em revistas, especialmente na parte do cuidado com o corpo e beleza.

Durante a tempestade de idéias realizada em um dos primeiros encontros com os alunos, um menino comentou que a discussão sobre saúde e beleza é mais apropriada para as mulheres, pois *“elas possuem a necessidade de serem mais vaidosas”* (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010).

Parece ratificar que o olhar do outro, do homem, é importante para designar o corpo da mulher; basta olharmos algumas revistas que apresentam matérias cujos títulos tradicionalmente estabelecem: “*o que os homens desejam numa mulher*” ou “*os 10 mandamentos para um conquistar um homem: na visão deles!*”.

Há, assim, uma estreita relação entre o social e o biológico, conduzindo um jeito de ser “socialmente” masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e preferências corporais entendidas como naturais de cada sexo. Parece-nos que o cuidado com um corpo saudável e certo distanciamento de práticas esportivas coletivas é marca registrada do gênero feminino.

O corpo da mulher (e também o do homem), as formas como ela deve se apresentar à sociedade encontra na mídia um espaço no qual representações a seu respeito são cotidianamente construídas e reproduzidas. Fotos, televisão, internet, e revistas veiculam discursos sobre como o corpo deve ser produzido, mantido, desejado, segundo padrões na sociedade. As imagens em capas de revistas, embalagens de comércio, etc., são de pessoas esbeltas, corpos quase despídos, vestidos com roupas de ginástica ou biquínis, tudo em prol do consumo, para que este corpo, agora detalhado, possa ser investido e objeto de consumo, como resultante da ambigüidade criada entre saúde e estética (MÓL, 2005). Tais mídias atuam como condutoras de verdades, bem aceitas quando aparatos aparentemente científicos se encontram por detrás de tais verdades.

Durante uma das estratégias, na produção do vídeo-minuto, um grupo expôs uma foto com dois desenhos que eles próprios haviam feito – um bonequinho forte e outro magro – e explicaram, afirmando serem essas também as demandas midiáticas: “*homem não pode ser magro, tem que ser forte*”; “*mulher não pode ser gordinha, tem que ser magra*”. (Notas de diário de campo, 10/06/2010). Cabe ressaltar que o desenho foi realizado por uma menina.

Fischer (2002), com o conceito de “dispositivo pedagógica da mídia”, desenvolvido a partir do pensamento de Foucault, mostra em sua pesquisa o modo como a mídia opera no sentido de participar efetivamente na constituição dos sujeitos, de suas subjetividades, nos saberes que de alguma forma se dirigem à educação das pessoas, nas formas de ser, de se comportar na cultura em que vivemos. Sem dúvidas, tais formas de ser se conectam com os estereótipos construídos socialmente, sobretudo aos de homem e de mulher.



Como parte da incorporação de estereótipos, o sistema da indústria cultural cria e recria tais representações, especialmente pelos meios de comunicação de massa, o que facilita tal incorporação aliada ao processo de desejo. Apropriando-se de determinados aspectos culturais e explorando-os em larga escala, como no caso dos “cuidados de si”, a mídia mostra como sendo comum a todos o que é relativo a determinado grupo e busca, a partir daí, uma generalização de representações atrelada ao consumo. Apresenta-se aí como ideologia, na visão de Fairclough (2008). No caso do discurso midiático, as proposições ideológicas inerentes aos discursos, ao contribuir para as representações sobre corpo e saúde, direcionadas aos gêneros feminino e masculino, mantém as relações de poder e consumo, possibilitando a expansão dos aparatos do sistema da indústria cultural.

### **A VIDA COMO OBJETO DO SABER E A LEGITIMIDADE DO SABER MÉDICO: OS DISCURSOS QUE CONTROLAM O CORPO E A IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA**

Este eixo faz-se importante a partir da frequência, durante o campo, de práticas discursivas dos alunos que enfatizam concepções de ser saudável, de saúde, de um corpo saudável e, principalmente, a importância do saber médico nas práticas corporais relacionadas à saúde, alcançando a Educação Física.

A visão de corpo enquanto objeto, corpo que se une mais estreitamente à máquina (MOULIN, 2008) caminhou com o processo de modernização da sociedade e com o desenvolvimento da racionalização (diga-se por passagem, em especial, a instrumental).

A partir da ideia da existência de um projeto de modernização, da ciência e a técnica como meio unificador deste processo, o conhecimento médico torna-se um dos principais suportes reguladores para a consolidação de tal projeto. Em seu desenvolvimento, a técnica torna-se aliada à legitimação do saber médico, saber este que se liga à própria técnica: como meio em busca de fins, como instrumento e maquinaria e, fundamentalmente, aquilo que nos provoca ao conhecimento.

Canguilhem (2006) comenta que a normalização dos meios técnicos da saúde é a expressão de exigências coletivas cujo conjunto define, em determinada sociedade histórica, seu modo de relacionar sua estrutura com “aquilo

que ela considera seu bem particular, mesmo que não haja uma tomada de consciência por parte dos indivíduos” (p. 200). Em muitos momentos da pesquisa, os alunos demonstravam a importância de seguir certos discursos normalizantes, talvez de forma assistemática e inconsciente, vinculadas ao ser saudável, como por exemplo, a importância de praticar atividade física para não ser sedentário ou obeso, estes considerados na modernidade como “anormais”. Como exemplo, no momento da tempestade de idéias, uma aluna enfatiza uma “normalidade” a ser seguida, que é a prática de atividade física para obtenção de saúde: “*a falta de atividade física pode ser tão prejudicial quanto fumar um maço de cigarro por dia*” (Fala registrada em diário de campo, 23/03/2010).

A normalização é que permite a implementação do poder biomédico sobre a população, pois é ao mesmo tempo medicalização e pedagogia. Sob a ordem médica, os investimentos sobre o corpo são instaurados e através da pedagogia, do exercício, de uma boa alimentação, de um estilo de vida saudável, o corpo é controlado, coordenado. Foucault (2006) denuncia o poder médico e a medicalização da vida e ainda comenta que a medicina é um saber-poder que tem efeitos disciplinares e regulamentadores da vida.

Na produção midiática final, um grupo encenou uma estória e colocou a figura do médico, ao lado da figura do professor de Educação Física. Os conselhos realizados pelo médico durante uma cena correspondem a uma alimentação melhor para uma aluna que atuava com o papel de uma pessoa com anorexia. Durante a gravação, o aluno (com o papel de médico) afirmava: “*ela não deveria fazer atividade física, já que se encontrava muito magra*”.

Bauman (2001) comenta sobre a existência dos legisladores que apresentam discursos científico-modernos (no caso, o médico), que caminham em conjunto com os jardineiros (o Estado) – recorrente ao que o autor denomina de modernidade sólida – e apoiada pelos seus conselheiros [o (a) professor (a) de Educação Física], estes últimos presentes no que o autor chama de modernidade líquida. A função dos conselheiros é atuar com mecanismos de sedução e não de repressão e cuidam para nunca pisarem fora das preocupações privadas ou deixar de referenciar os saberes dos legisladores (dos médicos). Assim, fica evidente que a professora de Educação Física, no caso da cena em vídeo, só é uma figura confiável porque está vinculada à mesma prática discursiva que o médico, mas em uma posição subordinada ao seu saber, no processo de medicalização da sociedade.



Da medicalização da população, Fraga (2006) vai comentar sobre a questão central do sedentarismo no processo de medicalização das práticas corporais. Foi comum no estudo, por exemplo, responsabilizar a atividade física para a obtenção de saúde, visando afastar doenças cardíacas, dores no corpo, e problemas relacionados ao ócio, ou ao sedentarismo. O que nos invoca a refletir não se direciona para o fato da atividade física fazer bem ao organismo ou mal, mas que, sob este olhar, a saúde torna-se um produto e a atividade física, um remédio para o mal que a sociedade precisa encarar: o sedentarismo.

### **AMBIGÜIDADE NOS DISCURSOS DOS ALUNOS: INDÍCIOS DE UMA EDUCAÇÃO DANIFICADA**

A sociedade hoje em dia, diante deste excesso de informações e opções, encontra-se em uma difícil tarefa, qual seja: saber de maneira autônoma criar mecanismos de filtragem deste excesso, em busca de uma formação cultural crítica.

Como Adorno e Horkheimer (1985) comentaram: “Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo de produção” (p. 17). Um comentário de um aluno demonstra essa percepção, sobre um vídeo realizado pela pesquisadora e editado a partir de recortes midiáticos em que o assunto era saúde, bulimia e anorexia: “*a própria música que está no fundo do vídeo já influencia o que vamos ver e pensar a respeito do vídeo*” (Fala registrada em diário de campo, 27/04/2010).

No ensaio sobre a *Teoria da Semicultura* (1996), Adorno defende que a cultura (*Bildung*), na tradição germânica, ao mesmo tempo em que compreende o conjunto de criações espirituais (intelectuais, artísticas e religiosas), traz em si a exigência de formar seres humanos que, por sua vez, são consumidores/criadores de cultura, portanto, apresenta um duplo caráter: ela é, ao mesmo tempo, adaptação, conformação à vida real e autonomia, liberdade do sujeito. De acordo com Adorno, quando o campo de forças, se paralisa em categorias fixas ou se absolutiza em qualquer de seus pólos antagônicos, significa negar a potencialidade e mesmo a realidade, coloca-se em contradição com seu sentido original e fortalecendo a ideologia.

A formação cultural perde sua potencialidade à medida que o conhecimento, enquanto parte da cultura, torna-se pertencente ao mercado, ou quando o mesmo torna-se mera informação. Pucci (1997) comenta que a consciência da massa, formada por bens culturais, neutralizados e petrificados, por



conhecimentos veiculados pelas avançadas tecnologias integradas à lógica do mercado, leva ao desenvolvimento de valores de consumo imediatos, o que dificulta a compreensão crítica da vida real e favorece manifestações irracionais. Nesta dimensão, a configuração da vida real destaca unidimensionalmente o momento da adaptação.

Vejamos esta fala de um aluno, durante o campo, sobre a saúde do atleta concebida pela mídia, demonstrando indícios de momentos de adaptação:

*“A vida de um atleta é prolongada [em relação a sua saúde] e ele corre menos riscos de problemas cardíacos do que uma pessoa normal (...) basta-nos olhar as pesquisas científicas, as estatísticas e a mídia nos informando isso”* (Recorde dos alunos entregue à pesquisadora na estratégia 4).

Por outro lado, uma aluna expressa diferente significado a respeito da formação cultural e a relação com a indústria cultural e mídia, durante a entrevista final:

*“Eu acho que indústria cultural tem a ver com mídia, pois, depois de estudar globalização, tudo o que a gente investe, a gente gosta, a gente deseja, a gente vê na televisão (...) então eu acho que a gente é super influenciado pela mídia. A gente escolhe como se a televisão fosse um catálogo assim...”* (Fala de B.B. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Os alunos apresentaram discursos ambíguos em diferentes momentos da pesquisa. Fairclough (2008) enfatiza a visão constitutiva do discurso, contribuindo para a formação de objetos, de sujeitos e suas relações sociais e que, se não refletidos, implicam a reprodução dos objetos na vida social, mantendo a ideologia dominante, portanto, a semiformação.

O mesmo aluno que comentou anteriormente sobre não acreditar muito na relação mídia e padronização corporal, ao citar cortes de cabelo, comentou, segundos depois, durante a entrevista:

*“(...) Sim, eles [os organizadores/detentores da mídia] estão pondo padrões de beleza e saúde, a pessoa sarada ou bombada para os homens e para as mulheres, devem ser extremamente magras e as pessoas buscam vários meios para conseguir isso, muitas vezes até perdem a saúde para conseguirem isso”* (Fala transcrita da entrevista, 08/07/2010).



Assim, percebemos os pressupostos da semiformação fazendo-se presente de forma intensa nos vários discursos sociais, ressaltando que na cultura moderno-líquida não se concebe mais uma cultura de aprendizagem e acumulação, mas preconiza mais a desvinculação, a vivência em lugar da experiência, a descontinuidade, as informações fragmentadas veiculadas pelos meios de comunicação de massa, o consumo imediato dos produtos, inclusive da informação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que propus foi, como afirma Fischer (2002), tentar ampliar as compreensões sobre as informações ou assuntos relacionado à saúde que são diariamente veiculados pela mídia. O ato de olhar crítica e criteriosamente os conteúdos midiáticos remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado ver de imediato.

Assim, reconhecendo a presença dos meios de comunicação de massa na sociedade e propor, na perspectiva da mídia-educação, a tematização dos discursos sobre saúde com alunos do Ensino Médio, por meio de uma pesquisa-ação, apresenta-se um passo necessário na conscientização de que a Educação Física não pode se resumir à reprodução de uma prática esvaziada de crítica, subsumida ao argumento da promoção de saúde através da atividade física ou o esporte.

A pesquisa nos revelou as práticas discursivas dos alunos relacionadas ao discurso midiático durante a intervenção e que possíveis mudanças nas práticas discursivas podem ocorrer, mesmo que durante o campo e ainda na finalização deste, alguns pressupostos do discurso midiático sobre saúde tenham sido encontrados nos discursos dos alunos.

Isso significa considerar a mídia como um eixo longitudinal e se possível, de integração com diferentes disciplinas (como foi percebido pelo trabalho em conjunto entre Educação Física e Sociologia) que podem gerar conhecimentos na união entre as áreas de conhecimento para um diálogo com os meios. Isto nos revela a pertinência do trato do conteúdo escolar de forma multi/interdisciplinar e como um tema transversal, que perpassasse os diferentes âmbitos curriculares.





## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W; “Teoria da Semicultura”. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: **Educação e Sociedade**. Campinas: Papirus, p.388-411, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação. Polêmicas do nosso tempo**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

CAETANO DA SILVA, Angélica. **O Discurso sobre saúde na mídia: limites e possibilidades de tematização na Educação Física escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2011.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, reimpressão (2008).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

GOMES, Ivan Marcelo. E se Ivan Ilitch fizesse atividade física?: Reflexões sobre tormentos modernos. **Pensar A Prática**, Goiás, v. 01, n. 12, p.1-11, janeiro/abr. 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.



MENDES, Diego de Souza. **Luz, câmera, pesquisa-ação: as mídias nas aulas de educação física em uma escola pública.** In: PIRES, G. D. L.; RIBEIRO, S. D. (orgs.). Pesquisa em educação física e mídia: contribuições do LaboMídia/UFSC. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

MÓL, Mellyssa da Costa. **Feliz na contemporaneidade:** dos cuidados com a saúde aos cânones da estética. E vice-versa? Analisando o discurso midiático da VEJA. 2005. 58f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). CDS/UFSC, Florianópolis: UFSC, 2005.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina.** In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise Crítica do Discurso:** do lingüístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: Editora UFS; Aracajú: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma Escola sem/com Futuro.** 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

PUCCI, Bruno. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação.** In: ZUIN, A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.